Prologo

Prezado Algust Clark, aquele que eu considero um arrombado arrogante.

Venho declarar meu ódio a sua senhoria por ser quem destruiu o resto de minha sanidade mental, te agradeço por isso aliás; venho me sentindo muito mal esses tempos, saiba?

Alguns dias atras eu estava caçando mais uma daquelas bestas repugnáveis, acabei sendo mordido pela aquela porra de ser. Chegando no nosso biongo, comecei a vomitar uma gosma preta (igual aquele mingau de chocolate que tia Emília servia para nós no acampamento. Detalhe nojento, sei, mas quem liga...) que nem as feras, acho me fodi inteiro. Já faz três dias que foi mordido, até a minha merda sai a mesma papa cara, não sei mais o que eu faço, será que eu vou me tornar mais uma daquelas coisas? Muitos acham que essas feras são zumbis, muitos acham que são uma espécie de demônio, nem o grande mestre (que todos sabem que é apenas um traidor errante) Eddard sabe o que são, será que nem o mestre dos mestres Gaunt sabe o que é? Falam que ele escreveu O Livro dos Segredos, mas todos que leram, morreram. Acho que deve ter algo muito complexo ou muito merda lá, não consigo entender.

- Bom, tudo assinado e selado. Agora vamos começar a transfusão. Ah, não se preocupe. Aconteça o que acontecer, vai parecer apenas um sonho ruim...

Olha cara, eu sei que é muito doido falar isso agora, pois estou falando com alguém que não existe mais, eu te amava cara; lembro de quando nós descobrimos que estávamos entrando em uma pandemia mundial, com “pessoas” até da PontaNorte sendo noticiado na televisão (todos sabem que eles não são normais mesmo). Nós pegamos para cada um porrete para nos safar daquelas monstruosidades (aliás, tem um aqui na minha porta agora, louquinho para me comer). Lembro até de quando você deu uma pancada na cabeça de uma fera que saiu um sangue vermelho, até hoje acho que fizemos besteira e ter apagado aquela coisa logo de cara, mas ele estava comendo (ou era o que parecia) um outro aberto na frente dele; ou deveríamos ter ouvido aquele gravador de voz a pilha, sei lá, talvez ele ainda guardasse mais um resto de vida dentro de si, até hoje culpo nós por ter feito isso, mas foda-se. Eu não ligo, não agora.

O que veio a seguir foi uma risada com um tom um pouco macabro, pela pouca visão que ainda restava em seus olhos, Mayke conseguia ver um chapéu de cano alto em torno de um homem com cabelos grisalhos. Ele não entendeu o que se passava, mas que a risada continuava bem ao longe, isso sim, continuava. O homem pegou um aparato com uma seringa na ponta, injetou a agulha um em recipiente lacrado com uma borracha e puxou o êmbolo da seringa, subindo um líquido vermelho-alaranjado dentro do compartimento. Algo de errado estava acontecendo, porém, Mayke, por algum motivo não aparente, não conseguia se mover.

- Sabia que eu acho que Deus quem enviou essa doença para nós, uma dádiva incompreendida pelo homem. – Disse o homem limpando a agulha da seringa. Mayke conseguia visualizar tudo, mas o som da desagradável voz do homem vinha de longe. – Ele me dizia que não era possível tal feito, que essa doença é culpa dos seres humanos, tão imperfeitos se julgando o rei da cocada preta. Tentei mudar o pensamento infame dele, não consegui, juro que tentei. – Ele? Quem é Ele? Mayke se perguntava piamente.

O homem ergueu o aparato com a seringa contra uma luz que vinha do teto, endireitou-se contra uma mesa com várias ferramentas de uma cor prata vibrante, *ferramentas essas que não estão nem um pouco esterilizadas*, pensou Mayke.

O que estava acontecendo?

Por que ele não conseguia se mover?

- Seria uma picada de uma cobra que te deixa com poucos batimentos cardíacos? Seria essa uma autopsia de alguém vivo? Mas eu estou vivo, ouviu? Vivo! – Gritava a mente de Mayke com uma certa agressividade.

Eu sei que você não está aqui, mas cara, onde você estiver, lembro, eu não quis fazer aquilo com você. Nós prometemos um para o outro que acharíamos a cura para essa merda, mas você foi infectado antes do processo, cara, por favor, eu sei que você não acredita em Deus, mas Deus sabe muito bem eu não quis enfiar aquela agulha em você. Cara, você foi o primeiro de muitos. Tentei fazer uma transfusão em você, mas não deu certo. Deus, me perdoe.

Por que eu escrevo essa carta para alguém morto? Realmente não sei. Como falei, eu não estou bem, minha cabeça dói de tempos em tempos. Me olho no espelho e vejo um velho com cabelos grisalhos, uma pele pálida pela falta de vitamina-D, unhas encravadas, barba mal-feita e a podridão do meu olho castanho escuro. Por que Deus não me fez com olho claro? Por que existem pessoas mais bonitas que as outras Algust? Por que cara... Eu te odeio, mas te amo; você foi meu único amigo em anos, mas fode-se, você está no paraíso mesmo.

Acho que vou caçar umas feras agora, meus suprimentos estão acabando, talvez eu ache um imbecil para eu fazer uma transfusão de sangue. A doença espalha pelo sangue sabe... preparei uma mistura de benzeno nitrogenado com uma base de aldeído para a mistura. Creio que seja essa a salvação.

O homem com o dedo indicador da mão direita (Mayke percebeu que a unha do dedo está em péssimas condições) bateu na seringa com o líquido desconhecido. Pequenas partículas de bolhas de ar subiram de baixo para cima da seringa.

- Vamos lá – Balbuciou o homem em uma voz sonhadora e distante – outra cobaia para a cura da humanidade, lhe concedo a dadiva do Senhor – O homem fez o sinal da cruz entre seu colo e umbigo no ar.

O homem passou o aparato da mão esquerda para a direita em questões de milésimos, se curvou para onde Mayke estava e perfurou a agulha entre os rins e a coluna do lado direito de Mayke.

Tudo era confuso para Mayke, o pior de tudo no momento era que um homem que ele não conhece (ou não lembra) está fazendo uma tal transfusão de sangue com uma seringa com um líquido avermelhado parecendo sangue ralo.

Mas o pior mesmo veio depois, ele não sentia a perfuração, uma agulha de no mínimo quinze centímetros era para incomodar, mas cadê? Parecia uma situação confortante, não doía, era bom.

Eu estou drogado, não é possível. É um sonho, claro, relaxa Mayke, isso não passa de a merda de um sonho.

Era muito bom a perfuração, algo nunca não imaginável.

A dor veio em segundos depois, junto com a abertura de seus olhos, a verdade veio junto, não era um sonho, era um pesadelo.

De Goren Alwes, um homem surrado pelo tempo.